

Colin não vê como fugir do FMI

O presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin, disse ontem que considera impossível aos países devedores renegociarem suas dívidas externas sem cumprir os programas de ajustamento econômico do Fundo Monetário Internacional (FMI) — como está tentando fazer a Argentina — porque “os banqueiros sempre usam o FMI como auditor” e dificilmente negociam sem uma auditoria prévia daquele organismo. Ele acha que a posição final dos argentinos “também será negociada” com a participação do FMI.

Após almoçar no Ministério da Fazenda com o ministro Ernane Galvêas e com o presidente do Lloyds Bank, Jeremy Morse, Colin afastou qualquer possibilidade de ter início uma nova

crise financeira internacional com a recusa da Argentina — terceiro maior devedor da América Latina, com mais de US\$ 43 bilhões — em cumprir o ajustamento recessivo exigido pelo FMI como condição para negociar com os bancos estrangeiros. “Os banqueiros comentam a questão argentina como uma posição unilateral, mas sem maiores reações”.

Garantiu também que de forma alguma a posição do governo argentino modifica a situação dos demais devedores, incluindo o Brasil, embora “as reações do Fundo Monetário sejam agora difíceis de se prever. A Argentina rompeu conversações com a missão do Fundo e enviou uma Carta de Intenções unilateral, recusando-se a reduzir sa-

lários e diminuir o crescimento econômico. O presidente do Banco do Brasil acredita que a questão da dívida daquele país “será objeto de negociações a longo prazo”.

Sobre o encontro com o banqueiro inglês, informou que ainda não se começou a tratar de questões concretas relacionadas com a próxima “fase três” de renegociação da dívida brasileira, prevista para ter início até setembro. “Acho que esta nova fase vai demandar tempo” — reafirmou. Disse que a visita do Lloyds ao Brasil ocorre dentro da rotina de “contatos com seus clientes” e que o **chairman** Morse “demonstrou grande confiança no Brasil, onde tem aplicações bastante expressivas”.